

Conceito de Turista Cidadão na Ação Viva o Centro a Pé em Porto Alegre

Carina Vasconcellos Abreu¹
PUCRS
Faculdade Senac Porto Alegre

Resumo: O presente artigo objetiva analisar, a partir do conceito de turista cidadão, a experiência de participantes da ação Viva o Centro a Pé, que consiste em caminhadas guiadas, orientadas por profissionais que narram a detalhes de edificações e espaços públicos em Porto Alegre. Para esta análise, foram utilizadas 112 mensagens de participantes que relatam suas vivências, utilizando-se a metodologia de análise textual discursiva. O estudo conclui que se pode considerar a ação como fomentadora da postura de turista cidadão, já que na análise das mensagens foi possível identificar características do conceito como o estranhamento dos espaços conhecidos, a elaboração de novos significados a partir das vivências, e a mudança de percepção em relação à cidade, que implicam em uma nova relação de pertencimento.

Palavras-chave: Turista Cidadão. Turismo. Cidadania. Viva o Centro a Pé. Porto Alegre/RS.

Introdução

O turismo, aliado ao desenvolvimento da cidadania, pode desempenhar um papel importante na apropriação de uma cidade por parte de seu morador. Com base nesta premissa, o presente artigo objetiva analisar a experiência de participantes da ação Viva o Centro a Pé, a partir do conceito de turista cidadão. O Viva o Centro a Pé consiste em caminhadas guiadas, orientadas por profissionais que narram a história de edificações, monumentos e espaços públicos em Porto Alegre.

O interesse específico neste tema parte de minha experiência profissional como docente de cursos livres e profissionalizantes sobre atrativos turísticos e patrimônio cultural de Porto Alegre, para profissionais da área de Turismo, Hotelaria e Gastronomia. Nestas experiências pude perceber importantes resultados da aproximação de moradores com sua cidade, implicando em novas representações sobre o local onde vivem. Esta percepção motivou-me a desenvolver minha dissertação de Mestrado em Educação, com este foco.

¹ Possui graduação em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005) e pós-graduação em Arquitetura e Patrimônio Arquitetônico no Brasil também pela PUCRS (2006). Mestre em Educação pela PUCRS, na linha de Pesquisa Teorias e Culturas em Educação. É docente de cursos de formação profissional em Turismo e Hotelaria na Faculdade Senac Porto Alegre desde julho de 2011 e iniciou em 2012 Doutorado em Educação pela PUCRS. Contato: carina.abreu@terra.com.br.

O presente artigo é um recorte de minha pesquisa, e objetiva apresentar a construção do conceito de turista cidadão proposto por Gastal e Moesch (2007), utilizando-o como referência para a análise de 112 mensagens de participantes, que relatam suas vivências nas caminhadas da referida ação. Para analisar o conteúdo destas mensagens, foi utilizada a metodologia de análise textual discursiva, sob a perspectiva de Moraes (2007).

Considero que o presente estudo contribui para as pesquisas científicas em Turismo, já que o destaca como fenômeno sócio-cultural de profundo valor simbólico, quebrando com conceitos fechados que apenas enfatizam dados econômicos da atividade. As práticas realizadas na ação Viva o Centro a Pé estão repletas de valor afetivo e de uso, ressignificando objetos e espaços a partir da experiência, vivência e participação de seus moradores. A análise destas práticas sob a ótica do conceito de turista cidadão pode colaborar para novas pesquisas, além de subsidiar o planejamento de novas ações com fins similares.

A construção do conceito de Turista Cidadão

Ao iniciar este estudo é importante esclarecermos o termo de turista cidadão aqui utilizado, construído a partir de conceitos de Turismo e de Cidadania, sob a perspectiva das autoras Susana Gastal e Marutschka Martini Moesch, que em 2007 lançaram a obra Turismo, Políticas Públicas e Cidadania, bastante inovadora neste tema no Brasil. Esta concepção sugere que o indivíduo poderia usufruir dos mesmos benefícios associados a viagens de lazer em seu próprio território. Segundo Gastal e Moesch (2007):

O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer (GASTAL, 2007, p. 11).

Este conceito pressupõe o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes de seus cotidianos. Os estudos tradicionais de turismo consideram a visão econômica de que há a necessidade de gastos com hospedagem ou uma determinada distância do local de residência para configurar turismo. Entretanto a proposta das

autoras é de que o deslocamento em tempo e espaço pode ocorrer na própria cidade do indivíduo, desde que este consiga desenvolver um processo de estranhamento, perceber locais e costumes já conhecidos sob novas perspectivas, imbuindo-se do olhar de um estrangeiro em sua própria cidade e assim estabelecendo novas relações com esses espaços.

As autoras falam em afastamento tanto concreto quanto simbólico desse cotidiano, deslocamento este entremeado de subjetividade, na medida em que se experimentam novos olhares e comportamentos frente ao mesmo objeto. As autoras complementam que esse processo de estranhamento do que é cotidiano depende da mobilização afetiva desencadeada no sujeito.

A maioria das pessoas vive em cidades, sejam pequenas, médias ou grandes, e, como moradores, conhecem seu funcionamento. Entretanto, o crescimento das cidades e sua diversificação são de grande complexidade e colocam, cada vez mais, desafios para decifrá-las. Esta decodificação é essencial para um morador aproveitar sua cidade com qualidade.

A apropriação de um morador em relação a sua cidade está muito ligada ao desenvolvimento da cidadania no indivíduo. A cidadania é aqui entendida como o próprio direito à vida no sentido pleno, algo que precisa ser construído coletivamente, desde o atendimento às necessidades básicas até o acesso a todos os níveis de existência, incluindo o usufruto de todas as possibilidades que sua cidade ou Estado oferecem.

Segundo Cerquier-Manzini (2010), na atuação de cada indivíduo há uma esfera privada, que diz respeito ao que é particular, e uma esfera pública, concernente a tudo que é comum a todos. Desde o surgimento da participação dos cidadãos na vida pública, na antiguidade grega, até os dias de hoje, a cidadania tem sido considerada sob diversas ideologias muitas vezes antagônicas. A ideologia é composta de ideias que, por sua vez, expressam valores incorporados pelos indivíduos ou grupos, dentro de um contexto histórico e social. Isso se realiza pela educação e pela vida em sociedade, e é o que orienta o comportamento dos indivíduos.

A autora coloca que se pode compreender a ideologia como uma concepção de mundo, expressão esta do embate entre várias formas de pensar e agir dos grupos que formam a sociedade. Na mesma obra, a autora apresenta diferentes ideologias que

resultam em diferentes formas de cidadania. Neste trabalho adotaremos as perspectivas complementares de Rousseau e Kant.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) oferece o conceito de cidadania como forma de construção de relações mais justas entre os homens. Em sua obra, *O contrato social* (1762), apresenta sua proposta de contrato entre os homens para a convivência democrática, preservando-se os direitos e deveres de todos. Rousseau defende que é necessário encontrar uma forma de associação entre os homens que defenda e proteja, com toda a força comum, as pessoas e bens de cada associado. Desta forma, cada um obedece a si próprio, permanecendo livre, a partir de uma democracia direta, da qual todos participam. Sugere, assim, a participação da sociedade na administração daquilo que pertence à esfera pública (CERQUIER-MANZINI, 2010, p. 36).

Immanuel Kant (1727-1804) traz sua concepção de cidadania diretamente ligada ao Estado de direito², como responsável por assegurar o desenvolvimento pacífico necessário ao progresso da humanidade, tornando-se instrumento para se viver civilizadamente. Kant defende que as leis são importantes instrumentos para fazer valer os direitos dos cidadãos, mas só elas não constroem a cidadania. É preciso que os homens se apropriem do espaço de construção de leis favoráveis à extensão da cidadania.

Rousseau e Kant se aproximam quando defendem que os cidadãos devem obedecer às normas da lei, mas enquanto homens que raciocinam, que fazem uso público da própria razão, em um contínuo processo de crítica às leis, de forma a manter também um contínuo processo de reformulação do Estado de direito.

Segundo Cerquier-Manzini (2010), a busca por uma sociedade melhor passa pela mudança na subjetividade das pessoas. Isto se daria no cotidiano, nas relações diárias, e trata-se de pensar, sentir e agir no sentido de que a democracia se constrói a todo instante. Levando-se em consideração este olhar sobre a atuação cidadã, buscamos a interface com o turismo.

A forma como os habitantes percebem sua cidade relaciona-se à forma como atuam nela, o quanto se apropriam dela. A cidade é, assim, não só um espaço físico, mas também um espaço onde circulam pessoas, idéias, saberes, formas de viver, e onde a

² Na obra *A paz perpétua* (1795), citada por Cerquier-Manzini.

diversidade de culturas e o imaginário urbano se entrelaçam em uma multiplicidade de significados para seus moradores.

Deste modo, o conceito de cidadania aproxima-se do turismo na medida em que, nas cidades, os próprios bairros constituem-se como espaços de identificação e estranhamento devido a sua multiplicidade, permitindo ao indivíduo tornar-se turista mesmo sem abandonar seu território. Este turista é considerado justamente sob a perspectiva contemporânea de turismo, que prioriza e valoriza a diferença, a busca do diverso de si, exigindo uma abertura para o mundo e uma maior capacidade de conviver com o próprio estranhamento.

É neste contexto que Gastal e Moesch (2007) propõem o conceito de turista cidadão, como aquele habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer. Segundo as autoras, para o turista cidadão

[...] os fixos que compõem a cidade deixam de ser desconhecidos. O território torna-se familiar e, nele e com ele, constrói-se relação de pertencimento e identificação, pois se passa a compartilhar seus códigos e, de posse dos mesmos, a situar a própria subjetividade em relação aos fixos presentes no urbano (GASTAL, 2007, p. 60).

A apropriação pressupõe esta interação com o espaço. A partir da familiarização e da vivência nele, é possível desenvolver novos significados subjetivos, resultando em uma relação de pertencimento. Esta aproximação, ou reaproximação, com os espaços parte do processo de estranhamento, em que a leitura da cidade destrói sua ordem dada, afastando a imagem fixa do espaço cotidiano, permitindo novas vivências.

Práticas que promovem estas vivências de reconhecimento de espaços cotidianos têm acontecido de forma sistemática em diversas cidades, comumente atividades ou roteiros relacionados a ambientes em busca de revitalização, como centros urbanos e históricos. Costa (2009) cita que Viena, Londres e Paris foram as primeiras cidades a contar com excursões em formato de caminhada. Aponta como outros exemplos as cidades americanas como Boston, Filadélfia, São Francisco e Nova York, além de cidades européias como Oxford, York, Chester e Berlim. Estas atividades de animação com o objetivo de lazer estão presentes em grandes cidades do mundo, e, no Brasil, em São Paulo, Fortaleza e Porto Alegre.

Na capital paulista, o arquiteto Marcio Mazza desenvolveu roteiros com o objetivo de desvendar aspectos históricos, culturais e, especialmente, arquitetônicos da

cidade. Desde 2007, os roteiros do Arq!Tours, promovidos pelo portal de arquitetura Arq!Bacana, atraem amantes de São Paulo em geral. Na agenda estão passeios que contemplam navegações pelo Rio Tietê, visitas às curvas e cores kitsch das obras arquitetônicas de Artacho Jurado, as galerias modernistas do centro, as vilas operárias e o Farol do Jaguaré à beira do Rio Pinheiros. Segundo a Revista da Cultura (2010), os passeios ocorrem uma vez ao mês e são repetidos quando a procura é grande. Cada roteiro tem um valor diferente, dependendo dos locais visitados e do meio de transporte necessário, pois pode ser todo a pé ou com trechos de ônibus fretado.

Além da iniciativa de empreendedores, há também atividades gratuitas, oferecidas em parceria com órgãos governamentais. Em Fortaleza, o historiador e guia de turismo Paulo Probo decidiu criar um roteiro de bicicleta pelo centro da capital inspirado em uma viagem a Buenos Aires, na Argentina. Segundo a mesma reportagem da Revista da Cultura (2010), desde o começo de 2010, em parceria com a direção do Theatro José de Alencar, Probo promove o passeio Viva o Centro!, levando fortalezenses e turistas a pontos históricos da capital do Ceará. No último domingo de cada mês, às 16h, o público, formado por moradores e turistas, se reúne no jardim do teatro. O passeio dura duas horas, e a cada edição oferece um roteiro diferente.

São exemplos de atividades que sistematizam a proposta de conhecer a própria cidade imbuído de um olhar estrangeiro, visitando-a como um turista cidadão. Em Porto Alegre, a proposta de caminhadas mais consagrada é o chamado Viva o Centro a Pé, proposta de caminhadas em áreas de interesse histórico promovidas pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que será o objeto deste trabalho.

O turista cidadão em Porto Alegre – Viva o Centro a Pé

Porto Alegre é a capital do Estado brasileiro mais ao sul, o Rio Grande do Sul. A cidade está dividida em 8 macrorregiões³ e 83 bairros. O seu território possui área de

³ A divisão adotada é a aprovada pelo Conselho do Orçamento Participativo em 1997, compatível com o Plano Diretor (PPDUA, LC 434/99). A regionalização é relativa ao Projeto de Lei N° 031/98 que inclui áreas indefinidas do território urbano e compatibiliza as regiões da cidade. O território abrange 8 Regiões de Planejamento, 17 Regiões do Orçamento Participativo e 83 bairros. Fonte: Prefeitura de Porto Alegre, disponível em <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observapoa_2011/usu_doc/site_2011_territorios.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2011.

476,3 km², com uma população de 1.436.123 habitantes⁴. Um anel de morros graníticos com 730 milhões de anos emoldura a região de planície onde está o grande centro urbano da cidade, que ocupa 65% de seu território. Esta formação geológica foi uma espécie de contenção natural para a ocupação do município em direção à zona sul, e contribuiu para que Porto Alegre conserve 30% de seu território como área rural, a segunda maior entre as capitais brasileiras. Outra parte do território da capital, com cerca de 44 km², está distribuída em 16 ilhas do Lago Guaíba sob jurisdição do município. O lago contorna a cidade numa extensão de 70 km de orla fluvial, sendo a expressão geográfica mais marcante da capital gaúcha.

O bairro Centro Histórico de Porto Alegre foi assim renomeado pela Lei 10.364, de 22 de janeiro de 2008. Anteriormente, era nomeado apenas Centro. É importante destacar que este bairro é assim chamado porque foi onde iniciou o povoado que deu origem a Porto Alegre, entretanto, com o desenvolvimento da vila e posterior cidade, não mais se localiza no centro geográfico.

A ação estudada em Porto Alegre tem uma característica diferente dos exemplos citados em São Paulo e Fortaleza, pois partem de uma iniciativa de política pública. O conceito de políticas públicas é aqui entendido como um conjunto de ações que objetivem o controle social sobre bens, serviços e obras públicas, de modo a democratizar o usufruto destes bens a toda a sociedade.

O Plano de Ação de 1999, do então Escritório Municipal de Turismo de Porto Alegre⁵, incluía entre seus públicos preferenciais, os residentes da cidade. Segundo Gastal e Moesch (2007), este documento partia do pressuposto de que Porto Alegre possuía um espaço urbano e práticas culturais que, por sua complexidade, poderiam provocar estranhamento nos próprios porto-alegrenses. As autoras citam como propostas condizentes com a concepção de fomento ao turista cidadão, primeiro a criação do Linha Turismo, ônibus de dois andares que oferece roteiros regulares pela cidade, e segundo, o estabelecimento de um sistema de atenção ao turista e ao cidadão, que oferece até hoje atendimento em informações turísticas da cidade em postos

⁴ Fonte: Estimativa IBGE/2009.

⁵ Em 10 de outubro de 2007, pela Lei nº 10.266, foi criada a Secretaria Municipal de Turismo (SMTUR), atualmente responsável pela gestão de políticas públicas de Turismo no município, o serviço realizado pela Linha Turismo e os Centros de Informações Turísticas.

dispostos estrategicamente próximos a atrativos turísticos e circulação de viajantes e moradores.

Mais recentemente, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, com a participação de várias de suas secretarias, inclusive a do Turismo, iniciou um processo de revitalização do Centro Histórico a partir do projeto Viva o Centro. Este projeto procura estimular, além do caráter predominantemente de comércio e serviços da área central, outras vocações importantes e compatíveis com seu potencial econômico, cultural e ambiental, melhorando as condições gerais do bairro. Volta-se, desta forma, para questões como a paisagem, a recuperação de prédios e áreas públicas, o transporte coletivo e individual, a segurança, a moradia e o comércio informal.

Uma das macroações do projeto intitula-se Conscientização e Divulgação dos Valores Culturais (PORTO ALEGRE, 2010). A sua justificativa é de que um dos fatores que fragilizam o Patrimônio Cultural é a falta de consciência sobre seu valor como elemento constitutivo da memória de uma sociedade. A conscientização ambiental e patrimonial estabelece bases sociais para uma nova relação, uma nova forma de perceber o Centro Histórico, com o reconhecimento dos seus valores histórico-culturais. O projeto coloca entre as finalidades desta ação: conscientizar, sensibilizar e difundir a importância do Patrimônio Cultural, incentivando sua valorização e cuidado; e envolver a participação cidadã como elemento fundamental para a formulação das ações.

Uma das ações realizadas para atingir estes objetivos é o Viva o Centro a Pé, realizada regularmente desde março de 2007, com caminhadas mensais, de março a dezembro. Em 2008, os organizadores decidiram expandir as atividades, propondo duas caminhadas por mês. A primeira, realizada no segundo sábado, oferece roteiros voltados ao Centro Histórico. Já a segunda, realizada no último sábado, oferece roteiros em diferentes bairros da capital. O mesmo formato de programação se manteve em 2009 e ainda permanece atualmente em 2012, sempre de março a dezembro. A participação é aberta à comunidade e a visitantes e, como ingresso, é solicitada a doação de alimentos não-perecíveis destinados a entidades sociais carentes. A média de participantes por encontro é de 150 pessoas⁶. A média de público anual estimada é de 2.500 pessoas (KLEIN, 2011).

⁶ Estimativa feita pelos organizadores. Os dados são aproximados, pois, apesar de haver solicitação de inscrições por e-mail, muitas pessoas vão diretamente ou juntam-se ao grupo durante o roteiro.

Participam da organização do Viva o Centro a Pé, o Gabinete da Primeira Dama, as Secretarias Municipais de Planejamento, Cultura e Turismo. Apoiam também a ação, os comerciantes do Caminho dos Antiquários, local de saída das caminhadas, além da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) e empresa pública de transporte coletivo, Carris.

Os professores convidados a conduzir os roteiros são profissionais renomados de Porto Alegre em diversas especialidades de conhecimento, participando conforme a característica dos roteiros. Em sua maioria, são acadêmicos, com titulações de pós-graduação, atuantes em universidades de grande porte e reconhecimento em seu meio. A predominância é de profissionais da área da arquitetura e história, além de artes e literatura.

Cada caminhada prevê a visita interna de pelo menos um espaço, dando preferência a locais que normalmente ofereceriam menor acesso ao público em geral. Há também grande diversidade de trajetos, o que pode atrair o mesmo participante diversas vezes durante o calendário anual. Além disso, um mesmo roteiro pode oferecer variadas visitas internas ou diferentes professores conforme cada edição, ampliando a heterogeneidade de experiência de cada caminhada.

Os organizadores da ação Viva o Centro a Pé relatam, a partir de suas interações com os participantes, a grande diversidade em relação à idade, sexo, formação profissional, locais de origem, tendo a predominância de moradores (KLEIN, 2011). Esta interação ocorre tanto pela comunicação por e-mail com a organização, quanto pessoalmente, com os monitores que recepcionam o público a cada roteiro.

Desde o início das atividades do Viva o Centro a Pé, os organizadores mantêm registro de depoimentos recebidos pelo endereço eletrônico de confirmação de presença. Estas mensagens encontram-se publicadas no site da ação. Foram identificadas 112 mensagens, sendo 13 referentes às atividades de 2007, 19 referentes a 2008, 58 referentes a 2009 e 16 mensagens referentes a 2010. Incluíram-se também 3 mensagens recebidas em 2011 (de janeiro a março), além de outras 3 mensagens em que não há registro de data.

É importante destacar que a maioria das mensagens é uma resposta do participante ao e-mail quinzenal enviado ao mailing de cadastrados, em que os participantes solicitam confirmação de presença e fazem comentários sobre a caminhada anterior ou

sobre a própria ação Viva o Centro a Pé. Há poucos dados sobre o perfil destes declarantes, já que são textos espontâneos, entretanto mostraram-se um material bastante rico, pois permitem a compreensão da experiência vivida por algumas pessoas participantes. Para analisar o conteúdo destas mensagens, foi utilizada a metodologia de análise textual discursiva.

A referida metodologia é uma pesquisa qualitativa que pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. O método apresenta-se apropriado à pesquisa em questão justamente por permitir trabalhar com a elaboração de novas categorias de análise a partir do que é observado nos discursos, já que são informações naturais, sem qualquer estímulo de pergunta ou formato específico. Além disso, permite a análise tanto de leituras explícitas quanto implícitas ou latentes, oferecendo uma diversidade de leituras pertinentes.

Segundo Moraes (2007), a análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos examinados. Os materiais constituem um conjunto de significantes, e o pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados são os objetivos da análise.

O primeiro processo previsto por este método é a desmontagem dos textos, realizando a sua desconstrução e unitarização. Segundo Moraes (2007), a partir da desconstrução do texto, surgem as unidades de análise ou categorias. Após, no segundo momento da análise, inicia-se um processo de explicitação de relações entre elas no sentido de construção de novas compreensões, reunindo semelhantes. O terceiro momento no processo de análise é a comunicação das novas compreensões atingidas, um exercício de explicitação das novas estruturas emergentes da análise.

O presente estudo dos depoimentos dos participantes exigiu primeiramente que o material fosse organizado cronologicamente a partir das datas de recebimentos das mensagens. Posteriormente, após uma primeira leitura livre, foram identificadas três grandes categorias de informações oferecidas: Demandas, Avaliação dos Roteiros e Experiências Vividas.

A categoria Avaliação de Roteiros foi a que contabilizou mais mensagens, com elementos presentes em 87,5% dos 112 depoimentos. A categoria Demandas tem

também grande presença nas mensagens: em 83 depoimentos. Já a categoria chamada Experiências Vividas tem menor frequência, aparecendo em 41 mensagens. Para o recorte deste estudo será utilizada apenas a categoria Experiências Vividas, respeitando o volume de informações e análises que um artigo científico comporta.

A categoria foi selecionada por se apresentar muito mais subjetiva do que as outras declarações, justamente por se tratar de relatos pessoais sobre significados dados às caminhadas e repercussões mais privadas. Nesta categoria foram estabelecidas cinco unidades de análise: relacionamento morador/cidade; aprendizado e cultura obtidos com as caminhadas; caminhadas como oportunidades de lazer, exercício físico, prazer e espaço de sociabilidades; importância da ação para a valorização da cidade; e reencontro com memórias pessoais. Faço novamente um recorte para este estudo e apresentarei apenas a análise da primeira unidade, pois oferece maior aproximação e pertinência ao conceito de turista cidadão.

O processo de estranhamento necessário à construção de significados fica evidente em algumas mensagens:

Passar pelo viaduto da Borges já não era mais a mesma coisa. Pensar na Casa de Cultura Mario Quintana e dar-me conta que nunca antes havia percebido que eram dois edifícios de épocas diferentes... Que surpresa... (PORTO ALEGRE, 2011).

Moro em Porto Alegre há exatos 25 anos e confesso não conhecer direito nossa cidade (PORTO ALEGRE, 2011).

A partir deste estranhamento, dentre as mensagens, duas apresentam uma equiparação de importância entre passeios realizados em outras cidades e Porto Alegre, demonstrando uma reflexão sobre o próprio processo de mudança de relacionamento com a sua cidade

Moro há 7 anos em Porto Alegre e penso que é muito importante conhecer a história da cidade, minha ficha caiu a respeito disso após passar algumas semanas na Europa, onde fiz esses passeios orientados em Paris e Barcelona. Muitas vezes é estando lá fora que aprendemos a valorizar o que temos aqui. Se fiz nas cidades européias, por que não fazer na minha amada Porto Alegre? (PORTO ALEGRE, 2011).

[...] as vezes me pergunto porque saio para viajar em tantos lugares enquanto tem lugares na minha cidade que nunca fui (PORTO ALEGRE, 2011).

A partir das análises, foi possível perceber que o Viva o Centro a Pé oferece uma re-apresentação da cidade, em que a experiência de caminhar como um turista, aliada à orientação do professor e ao pertencimento valorizado do grupo, conferem um novo significado mesmo a locais já conhecidos. Pode-se também perceber a apropriação ou sensação de pertencimento presente em algumas mensagens como a que segue:

Que delícia! Compartilhar aquele sol no meio de tanta cultura... O cume de tudo se deu naquele belíssimo recital, dentro de uma igreja maravilhosa, um verdadeiro presente. De tudo... Senti mais orgulho de ser porto-alegrense, fiquei mais “bairrista” do que já era... tive uma percepção muito diferente de vários lugares que eu cria já conhecer (PORTO ALEGRE, 2011).

Os depoimentos demonstram uma nova percepção dos participantes em relação à cidade em que moram, decorrente da experiência destes passeios. Por passearem pela cidade da mesma forma que o fariam em outras cidades, assumindo uma posição de turista, com o olhar de um estrangeiro, se permitem estranhar uma paisagem talvez já familiar pela rotina, assim percebendo novas nuances na paisagem da cidade.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar os relatos de experiências nas caminhadas do Viva o Centro a Pé, buscando identificar as características do conceito de turista cidadão. Concluiu assim, que é possível considerar a ação como fomentadora da postura de turista cidadão, já que foi possível identificar o estranhamento dos espaços conhecidos, a elaboração de novos significados a partir das vivências e a mudança de percepção em relação à cidade, que implicam em uma nova relação de pertencimento.

Considero que este estudo inicial pode ser aprofundado a partir da interface com outros conceitos relativos à educação e à importância da sociabilidade em grupos como este. Há ainda outras possibilidades de estudos sobre este objeto, como o perfil deste participante, quais fatores são preponderantes para motivá-lo a buscar atividades como essas caminhadas, por exemplo. São questões que tenho a expectativa de elucidar a partir do desenvolvimento de minha dissertação de mestrado.

Penso que estudos que buscam a interface entre diversas áreas, como este, podem oferecer caminhos para o diálogo entre diferentes campos de conhecimento, diminuindo

o esforço de pesquisas repetidas, enriquecendo a compreensão dos fenômenos a partir da multiplicidade de olhares.

Referências Bibliográficas

CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é cidadania**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural**: interpretação e qualificação. São Paulo: Editora Senac São Paulo / Edições SESC SP, 2009.

GASTAL, Susana. MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

KLEIN, Liane. **Sobre a ação “Viva o Centro a Pé”** [18 mar. 2011]. Entrevistador: Carina Abreu. Porto Alegre. Entrevista a assessora da Primeira-Dama, Liane Klein, coordenadora da ação Viva o Centro a Pé desde seu início.

LEITE, Maria Eduarda. De carona para o passado. **Revista da Cultura**. São Paulo, n. 40, Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadacultura.com.br:8090/revista/rc40/index2.asp?page=materia2>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

MORAES, Roque. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo de Referências Elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. Disponível em: <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCEPesquisa/BCEPesquisaModelos>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

PORTO ALEGRE. Secretaria de Planejamento Municipal. **Síntese do Plano Estratégico** – Reabilitação da Área Central de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/usu_doc/relatorio_vivocentro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2011.

PORTO ALEGRE. Secretaria de Planejamento Municipal. **Viva o Centro a Pé. Depoimento dos participantes**. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=4&p_secao=120>. Acesso em: 16 abr. 2011.